

# A CLASSE OPERARIA

Nº 8

Abril de 1966

Ano I

## ÚNICA SAÍDA

Passaram-se dois anos da quartelada de 1º de abril. Dois anos de vigência do governo mais reacionário e entreguista que o Brasil já teve. Aumentaram como nunca, neste período, as dificuldades da nação.

Sob a máscara da defesa da democracia, Castelo Branco e seu grupo suprimiram as liberdades. Com o pretexto de aperfeiçoar as instituições, liquidaram o direito de voto e os partidos políticos. Prometendo acabar com a inflação, emitiram mais do que os três governos que lhes antecederam em conjunto. Provocaram o crescimento da fome e o desemprego. Perseguiram milhares de patriotas. Implantaram o terrorismo cultural. Investiram contra as conquistas dos trabalhadores. Levaram o país à estagnação e à crise.

Enquanto isso, os homens de 1º de abril abriram, de par em par, as portas do país aos imperialistas norte-americanos. Os atuais governantes não passam de testas-de-ferro dos miliardários ianques. Em oscala jamais atingida, processa-se a espoliação do povo brasileiro pelos trustes dos Estados Unidos. As Forças Armadas estão sob controle dos generais do Pentágono. Milhares de norte-americanos supervisionam a administração pública como se o Brasil fôsse uma colônia. Soldados brasileiros, a serviço dos magnatas estadunidenses, desempenham a vergonhosa tarefa de oprimir o povo de São Domingos.

Dois anos depois da "Revolução dos gorilas" nenhum problema nacional foi sequer encaminhado. Ao contrário, a situação se agravou em todos os aspectos. Sombria é a perspectiva que se apresenta à nação. As massas populares nada podem esperar da camarilha de Castelo Branco, dos generais reacionários, dos políticos corrompidos e desmoralizados, da farsa das eleições indiretas.

Fica cada vez mais evidente que a única saída para o Brasil é a revolução. Dentro dos marcos do atual regime não é possível resolver os problemas brasileiros. Em nenhuma época foi tão necessária como hoje a transformação radical da sociedade em que vivemos. Se num período como o do governo de Goulart, que se dizia reformista e assegurava certas liberdades, a revolução já era premente, muito mais agora, quando o domínio imperialista norte-americano se fez mais pesado e o sistema político se tornou mais reacionário. A idéia da revolução amadurece na consciência das massas. Isto significa que é imprescindível preparar-se para a revolução. Este deve ser o objetivo principal da atividade dos operários, camponeses, estudantes e da intelectualidade progressista.

É uma exigência da hora presente.

*progressista.*

# Heróis do povo do Peru

Há alguns meses, as agências telegráficas noticiaram que forças militares do Peru haviam fuzilado Luis de la Puerta Uceda e Guilherme Lobaton. Mais tarde, anunciaram também que o jovem guerrilheiro Máximo fora sumariamente executado. Informações fidedignas, que só agora chegaram ao nosso conhecimento, confirmam aquelas notícias. Trata-se de um monstruoso crime dos reacionários peruanos, acumpliciados com o imperialismo yanque.

De la Puerta, Lobaton e Máximo, são, hoje, heróis da luta revolucionária do povo do Peru, que simbolizam a indignação e a revolta das massas peruanas, vítimas de feroz exploração e cruel opressão. Não hesitaram, juntamente com muitos outros patriotas, em empunhar armas e erguer a bandeira da revolução emancipadora.

Vem crescendo, nos últimos anos, a luta dos camponeses e dos índios do Peru pela terra e a liberdade, contra a fome e a miséria. Estas lutas têm chegado até a choques armados. Nas cidades, os operários e os estudantes levam a cabo manifestações antiimperialistas e pela democracia.

Numa tal situação, aqueles três valorosos combatentes compreenderam a necessidade de mobilizar as massas e

prepará-las para opor-se à violência dos opressores. À frente de centenas de jovens, desenvolveram intensa propaganda da luta armada e ela se lançou intrépida e corajosamente. Na cordilheira dos Andes, durante várias semanas mantiveram aceso o facho da revolução. Em toda a América Latina as massas sofridas demonstraram sua simpatia e solidariedade aos combatentes do Peru. Os reacionários não esconderam o seu pânico, receosos de que as chamas se transformassem num incêndio.

O governo de Belaunde Terry, que se apresenta como democrata, arrancou a máscara e mobilizou o Exército, decretou o estado de emergência, deu a pena de morte para os participantes da luta revolucionária. Inúmeros camponeses foram trucidados. Os prisioneiros eram executados no local da captura.

A pesar da violência e da brutalidade da reação, as massas exploradas e oprimidas do país andino não recuaram e continuam desfraldando a bandeira de sua emancipação. Os três chefes guerrilheiros caíram combatendo pelos ideais da liberdade e de independência do povo peruano. Seus nomes serão sempre lembrados.

**INSPEÇÃO HUMILHANTE** - O controle das Forças Armadas brasileiras pelos militaristas norte-americanos acentua-se cada vez mais. Tornou-se tão rotineiro que as autoridades militares, tanto do Brasil como dos Estados Unidos, não procuram nem mesmo guardar as aparências.

Ainda recentemente, chegou ao Brasil o general Robert Allen Breitweisser, chefe do Comando-Sul da Força Aérea Norte-Americana. O objeto de sua viagem foi o sentimento patriótico de qualquer brasileiro digno. Segundo revelou "O Estado de S. Paulo", o general yanque "veio ao Brasil para inspecionar instalações e bases aéreas da FAB, no Rio e em São Paulo". Inspeccionou também estabelecimentos da Aeronáutica em Belém e Fortaleza.

A FAB é, assim, submetida à inspeção periódica de oficiais dos Estados Unidos. Um país cujo governo sujeita as Forças Armadas a uma situação tão humilhante, renuncia, na prática, à soberania nacional. Fiscalizações deste tipo só se verificam nos países coloniais, onde as instituições militares são apêndices dos exércitos das metrópoles.

Que é feito do tão decantado patriotismo do Brigadeiro Eduardo Gomes, atual Ministro da Aeronáutica?

# SINTOMA PROMISSOR

No quadro político brasileiro, vêm-se avolumando as ações de massas contra o atual estado de coisas. Depois de um período de retirada, consequência da derrota de abril de 64, as forças populares começam a realizar demonstrações que assumem certa envergadura e influem positivamente no curso da situação brasileira.

Em Belo Horizonte, os universitários foram às ruas e expressaram sua veemente condenação à ditadura. Não temeram enfrentar a polícia que atacou e espancou estudantes até mesmo no recinto de uma igreja. O exemplo da juventude mineira frutificou. Foi seguido em diferentes Estados. São Paulo, Guanabara, Porto Alegre, Goiânia e outras cidades foram cenário de passeatas estudantis de repúdio ao governo e de solidariedade aos jovens de Minas Gerais.

Desenvolve-se, entre os trabalhadores, ativa mobilização contra o projeto de Castelo Branco e Roberto Campos visando à liquidação do direito à estabilidade, antiga conquista do proletariado. Apesar do controle policial-ministerial, a lista dos sindicatos, os operários procuram as formas adequadas de luta para defender os seus interesses e exigir o atendimento de suas reivindicações.

Até mesmo comerciantes, industriais e banqueiros se articulam para censurar a política econômico-financeira do governo, em particular as restrições de crédito que vêm determinando um número cada vez maior de falências e concordatas.

As diversas manifestações verificadas no decorrer do 2º aniversário da queda de abril constituíram um índice de maior combatividade das massas populares. As comemorações oficiais foram marcadas pelo completo desprezo do povo. Limitaram-se aos desfiles militares, aos discursos vazios e às indefectíveis "inaugurações" de obras de fachada. Em Recife, Belo Horizonte, Guanabara, entre outras capitais, intensa foi a movimentação de forças policiais e militares para impedir pronunciamentos de repulsa aos golpistas no poder. Centenas de prisões foram realizadas. Mas nem por isso tais pronunciamentos deixaram de se efetuar.

Refletindo o descontentamento de vastos setores da população, parlamentares e até governadores condenaram a situação em que se encontra o país e responsabilizaram Castelo Branco pelo descalabro reinante.

Toma corpo em todo o país o movimento em favor de eleições diretas e contra as indecorosas manipulações de candidatos à sucessão presidencial. Abertamente, são reclamadas a anistia e a liquidação dos atos Institucionais da ditadura. Exige-se que se ponha termo ao regime de arbítrio em que vive o país. Reivindicam-se que o povo seja chamado a escolher nas urnas os seus dirigentes.

Crescem também as demonstrações contra a penetração norte-americana e o cinismo entreguismo do governo. Partem não só dos setores mais avançados da população, mas também de elementos conservadores e de oficiais das Forças Armadas. Todos censuram a conduta dos governantes que, por todos os modos, favorecem a dominação yanque no Brasil.

Deste modo, o descontentamento que se espalha por toda parte vêm-se transformando em ações que tendem a se desenvolver e a se tornar uma poderosa torrente democrática e antiimperialista. Isto, no entanto, não significa que a reação e o imperialismo norte-americano se mantenham passivos e cedam sem luta as posições que detêm. A ditadura tudo faz para se perpetuar. Com Castelo ou com um Costa e Silva qualquer. Prosseguirá na violência e nas perseguições.

O povo brasileiro, ao mesmo tempo que intensifica as suas lutas e combate à ditadura, não pode deixar de se preparar para embates mais duros e difíceis. Terá que recorrer às formas mais elevadas de ação, tendo em vista derrubar os opressores e conquistar um governo efetivamente democrático e antiimperialista.

# Apoio ao Vietname

Nas últimas semanas, em diferentes países, ergueu-se poderoso movimento de massas em solidariedade ao heróico povo do Vietname e de protesto contra a guerra suja que os Estados Unidos levam a cabo naquele país. Os povos condenam indignados o banditismo dos soldados de Johnson e exigem a sua retirada do território vietnamita.

Esta é a resposta das pessoas simples de todo o mundo à hipócrita ofensiva de paz do Governo norte-americano. A Casa Branca pensava confundir a opinião pública com a cortina de fumaça das "negociações incondicionais". Fracassou completamente sua manobra propagandística. As massas populares não se deixam embair pela cantilena pseudo-pacífica dos manitus do Pentágono. Viam que, por trás das declarações grandiloquentes de Johnson, Humphrey, Rusk, Harriman, Goldberg e de toda a fauna de políticos e diplomatas do imperialismo, mais soldados norte-americanos eram enviados ao Vietname, maior terror era empregado contra suas populações civis. As "propostas" de conversações de paz tinham como complemento o bombardeio indiscriminado do solo vietnamita, a utilização em larga escala de gases tóxicos e de produtos químicos de alto poder destrutivo.

Nas avenidas de Tóquio, Roma, Paris, Buenos Aires e em outras grandes cidades milhões de homens e mulheres manifestaram seu repúdio à política estadunidense no Sudeste Asiático. Em pleno Estados Unidos, dezenas de milhares de cidadãos desfilaram em diversos pontos do país para exigir o fim da guerra no Vietname. Todas estas manifestações mereceram o aplauso da opinião pública mundial.

Ao mesmo tempo, os combatentes vietnamitas, superando-se em heroísmo, intensificaram suas atividades armadas contra o agressor ianque. Sérias derrotas lhes foram inflingidas pelos guerrilheiros da Frente de Libertação Nacional. Soldados norte-americanos, companhias inteiras, são aniquilados em combates noturnos. Grande número de aviões e helicópteros dos invasores é posto fora de combate.acentua-se simultaneamente a divisão entre a camarilha que domina o governo de Saigão. O título Cao Ky enfrenta nova crise interna. Importantes setores da população reclamam um governo civil e eleições livres.

Assim, de fracasso em fracasso, os imperialistas da América do Norte encontram-se num beco sem saída. Desesperados, tentam estender a guerra, prosseguir na "escalada" suicida. No entanto, quando mais se extremam na agressão e na selvageria, maior é o ódio das massas que contra eles se volta. Sua derrota final será inevitável.

O povo brasileiro, também oprimido pelos imperialistas ianques, nutre imensa admiração pela luta gloriosa dos vietnamitas. Sente que em terras do Vietname se trava uma batalha de enorme significação para os destinos da Humanidade. Esta admiração terá que se transformar em solidariedade ativa aos seus irmãos da antiga Indochina.

Apesar da ditadura que domina a nação desde abril de 1964, os brasileiros, seguindo a trilha de outros povos, manifestarão sem dúvida seu apoio e solidariedade aos valentes lutadores do Vietname. Condenarão enérgicamente as ações agressivas do imperialismo norte-americano, inimigo comum de todos os povos.

Todo apoio ao Vietname!

# O marxismo-leninismo trunfará na América Latina

(Carta-Aberta a Fidel Castro)

Camarada Fidel.

Seus mais recentes pronunciamentos sobre questões relacionadas com o movimento comunista, sua atitude face a problemas cruciais da revolução, sua conduta na preparação e realização da Conferência Tricontinental e os inadmissíveis ataques por você desfechados contra a China Popular levam-nos a dirigir-lhe a presente Carta-Aberta.

Como é de seu conhecimento, nas fileiras comunistas, vem-se travando uma luta de importância histórico-mundial entre o marxismo-leninismo e o revisionismo contemporâneo. Há precisamente uma década, surgiu na União Soviética uma corrente oportunista cuja orientação substituiu os princípios revolucionários pelos da evolução pacífica, quebra o ímpeto combativo das massas e serve objetivamente ao imperialismo. Em oposição a esta corrente, fô-se levantado os que se mostram fiéis à grande doutrina do proletariado.

No quadro geral desta contenda, a Revolução Cubana, em 1959, representou uma derrota das teses revisionistas. Mais uma vez, o preceito marxista-leninista da necessidade da violência revolucionária para derrubar os opressores e conquistar um poder popular foi plenamente comprovado em Cuba. Você, que não vacilava em apelar para as armas, a fim de libertar o povo cubano, também não hesitou em aderir publicamente ao marxismo-leninismo. Os povos do mundo saudaram o advento da Revolução Cubana. Inspirados no exemplo de Cuba, numerosos movimentos e organizações populares da América Latina desfraldaram a bandeira da luta armada. No Brasil, enorme foi a repercussão da façanha dos combatentes de Sierra Maestra.

Inconformados com a derrota, os imperialistas norte-americanos tramaram a invasão da Ilha. Eisenhower e depois Kennedy não se detiveram em preparar e levar a cabo o desembarque de Playa Giron. Por sua vez, os revisionistas procuravam minimizar o alcance da revolução vitoriosa em seu país. Você, camarada Fidel, não se intimidou com as ameaças do imperialismo norte-americano, nem se deixou levar pelos revisionistas. Proclamou bem alto, na II Declaração de Havana, o direito dos povos à revolução, chamou as massas desta sofrida parte do Continente a se erguer em armas contra os monopolistas ianques e a reação interna. Recusou-se corajosamente a transacionar com o imperialismo e com os revisionistas contemporâneos. Empenhou-se em consolidar as conquistas revolucionárias através da mobilização de seu povo e do estímulo à luta emancipadora dos países da América Latina.

Esta sua posição foi calorosamente apoiada por todos os revolucionários latino-americanos. Nosso Partido, reorganizado em fevereiro de 1962, apoiou com decisão a Revolução Cubana e sempre se manteve nesta linha. Numa época em que os revisionistas sabotavam tudo que se referia a sua Pátria e ao camarada Fidel Castro, esforçamo-nos para exaltar a luta travada na

(continuação)

grande ilha das Caraíbas e difundir os transformações radicais que ali se operavam. Apesar das imensas dificuldades que arrostávamos, coube-nos a iniciativa de divulgar em larga escala no Brasil os documentos mais importantes dos dirigentes cubanos. Perfiávamos, também, na tarefa de esclarecer e pôr em movimento as massas, objetivando a defesa de Cuba contra as ações intervencionistas dos Estados Unidos.

### TRANSMUTAÇÃO POLÍTICA

Lamentavelmente você, camarada Fidel, pouco a pouco, foi abandonando as posições revolucionárias e se identificando cada vez mais com os revisionistas. Desde há muito tempo, vínhamos observando sua transmutação política. Com crescente preocupação, constatávamos que muitos de seus atos afetavam os interesses do movimento revolucionário e prejudicavam a causa comum de nossos povos contra o imperialismo norte-americano. Maior estranheza, porém, nos causaram as passagens de seus discursos de 1º de janeiro, 6 de fevereiro e 13 de março deste ano, nas quais você ataca injustificadamente a China Popular. Durante um longo período, julgávamos que seu procedimento se devia a fatores circunstanciais e a certo unilateralismo na apreciação dos diversos problemas. Por isso, e levando em consideração seus propósitos antiimperialistas, abstinemo-nos de emitir nossa opinião crítica, confiando que, em tempo, você se desse conta do falso rumo que vinha seguindo. Você, no entanto, foi longe demais. Ultrapassou todos os limites. Não é mais possível silenciar sem incorrer em grave erro.

Já em 1963, não compreendíamos sua conduta em relação ao arquiteto-revisionista Kruchov. Este renegado do marxismo-leninismo, à frente do Partido Comunista da União Soviética, cometeu as maiores monstruosidades contra o movimento operário internacional. Formulou e impôs a absurda teoria da transição pacífica, investiu deslealmente contra honrados dirigentes revolucionários da URSS e de todo o mundo, provocou a cisão nas fileiras comunistas, apoiou a agressão da Índia a um país socialista, rompeu abusivamente relações com a Albânia, apresentou Eisenhower e Kennedy como defensores da paz, capitulou vergonhosamente diante do imperialismo norte-americano por ocasião da Crise das Caraíbas. Chegou à infâmia de negociar, à revelia do Governo cubano, a inspeção íanque do território de Cuba. Foi o artifício-mór da política de estreita colaboração entre os Estados Unidos e a União Soviética, visando o domínio do mundo.

No entanto, o camarada Fidel Castro, em sua primeira visita à URSS, não trepidou em cobrir de elogios a êsse cínico traidor da revolução. Além disso, você assinou um comunicado-conjunto cubano-soviético, onde predominava a orientação capitulacionista do PCUS de permeio com algumas teses revolucionárias da II Declaração de Havana. Apondo sua assinatura naquele documento oculto, você revelou inconseqüência e, na prática, ratificou a linha revisionista. Mais incompreensível foi o seu comportamento durante a segunda viagem a Moscou. Kruchov, já totalmente desmoralizado e repolido pelo seu próprio povo, estava para ser afastado da direção do PCUS. Justamente nesse momento, você apressou-se em levar-lhe apoio e fazer-lhe os mais rasgados encômios. Ajudou, deste modo, a um inimigo dos povos, da revolução e do marxismo-leninismo.

Também nos causava espécie sua linha de conduta no concernente às divergências no movimento comunista. Você se declarava neutro nessa controvérsia, afirmando que não se devia "por lenha na fogueira" e que "roupa suja se lava em casa". Esta atitude não podia ser considerada como a de um marxista-leninista. Quando se trata de princípios, de problemas cardeais da revolução,

(Continuação)

não há neutralidade possível. Fatos posteriores vieram, porém, demonstrar que semelhante neutralidade não passava de um mito. Você proibiu, em seu país, a divulgação da literatura política chinesa e albanesa, enquanto os materiais soviéticos circulavam fartamente. Neste caso, você, que se tem revelado tão corajoso, deu demonstração de medo pânico ante as idéias revolucionárias. Que mal haveria em tornar conhecidas do povo cubano todas as opiniões divergentes no movimento comunista? Só quem não está com a razão ou seguro da justeza de seus argumentos teme o confronto de idéias. Os chineses, a quem você, no discurso de 13.3.66, acusou de esconder a verdade a seu povo, publicaram este mesmo discurso, tão insultuoso à China e aos seus dirigentes. E têm divulgado materiais dos partidos revisionistas que se opõem às posições do Partido Comunista da China, inclusive as "obras completas" de Kruchov. Sua decisão, camarada Fidel, foi, portanto, unilateral, favorável aos revisionistas.

Em março de 1965, grande foi a nossa indignação quando soube mos do envio de uma delegação de seu Partido à Conferência dos 19 Partidos Comunistas e Operários, realizada em Moscou. Esta conferência, convocada por iniciativa de Kruchov, com o fim deliberado de dividir o movimento comunista, contou com o seu completo apoio. Você sabia que os Partidos Comunistas da Indonésia, Japão, Coréia, Vietname, România e China recusaram a aderir àquela reunião divisionista. De lá participando, você abandonava o princípio norteador das relações entre os partidos, expresso na Declaração de Moscou de 1960, que estabeleceu a unanimidade nas decisões, alcançada mediante consultas. Isto não é próprio de quem se diz partidário da unidade e acusa os outros de divisionistas.

#### DISCRIMINAÇÃO ODIOSA

Sua atuação, camarada Fidel, nos trabalhos preparatórios da Conferência Tricontinental foi verdadeiramente chocante. No convite às organizações que deveriam participar da reunião de Havana, você se portou como advogado do revisionismo. Todos os partidos e movimentos revisionistas foram diligentemente convocados a enviar delegações. Quanto aos partidos e movimentos revolucionários, houve a mais odiosa discriminação, em particular com os da América Latina.

O critério, por você adotado, na escolha dos delegados e convidados dos países do Continente não levou em consideração as posições antiimperialistas e revolucionárias das organizações existentes, mas o grau de confiança e simpatia que elas lhe inspiravam. Eis porque a representação latino-americana na Conferência Tricontinental estava muito longe de expressar todas as forças atuantes do movimento antiimperialista e democrático e de traduzir plenamente os sentimentos das massas deste Hemisfério contra os monopolistas ianques. É certo que alguns movimentos de libertação da América Latina estiveram presentes na bela capital de Cuba. Mas, enquanto os porta-vozes dos Prestes, Codovilla, Corvalán et cetera - partidários fervorosos do caminho pacífico e que, até há pouco, elogiavam os representantes máximos do imperialismo ianque tinham direito a falar e votar nas assembléias do "Habana Libre", os partidos autenticamente revolucionários, como os Partidos Comunistas, marxista-leninistas, da Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Brasil foram privados de enviar um simples observador. Você acolheu como representantes do combativo povo da Bolívia a elementos revisionistas, alguns dos quais nem sequer vivem naquele país, e obrigou a se retirar de Cuba expressiva delegação boliviana de frente única.

(Continuação)

É verdade que, em seu discurso na Conferência Tricontinental, você condenou o imperialismo norte-americano e fez a apologia da luta armada. Mas suas palavras soam em falso quando se sabe que você envidou os maiores esforços para levar à Conferência os que repudiam a violência das massas e se apegam às soluções pacifistas e negou arbitrariamente a legítimos revolucionários o direito de participar daquela reunião. Também a Conferência, por sugestão sua, criou um comitê para coordenar, na América Latina, as lutas de libertação nacional. No entanto, na composição deste comitê predominam os representantes das organizações revisionistas.

Com este modo de agir, você deu provas de abominável parcialismo em favor dos que se opõem à revolução neste Hemisfério. As organizações e partidos revolucionários, que você aparenta desconhecer, existem objetivamente e não será sua discriminação que há-de fazê-los desaparecer. Ninguém tem o direito de se arvorar em árbitro da revolução na América Latina. E mais ainda: é farisaísmo manifestar-se, em palavras, pela revolução e, de fato, aliar-se aos oportunistas.

#### NEGAÇÃO DO PARTIDO DO PROLETARIADO

No discurso do 13 de março, na Universidade de Havana, você, camarada Fidel, agridiu os marxistas-leninistas da Bélgica e do Ceilão, tratando-os "grupinho" e de "teóricos de uma guerra revolucionária que não farão jamais!"

Por que esta atitude de desdém, de grande senhor, ante lutadores que se empenham firmemente na árdua tarefa de levar adiante o movimento em favor da emancipação de seus povos? Precisamente, esta foi a atitude dos oportunistas e revisionistas face aos militantes no "26 de Julho", no período heróico da Revolução Cubana. Os patriotas que, no México, sob sua liderança, ergueram o estandarte da libertação de Cuba não passavam de um punhado de combatentes. O que você chamou de "grupinho" é, na realidade, a vanguarda organizada dos trabalhadores da Bélgica e do Ceilão. É indiscutível que não serão os revisionistas daqueles dois países que dirigirão as massas belgas e cingalesas pelo caminho revolucionário. Admira-nos esta sua atitude, porque você deveria ser o último a descrer das possibilidades de êxito dos que pregam a revolução e por ela lutam, você que, no passado, também foi objeto da descrença e do desprezo dos reformistas. No entanto, agora, você insulta os revolucionários e está de braço dado com os oportunistas.

Lo que parece, você se julga o único revolucionário sobre o globo terrestre e considera que somente ouvindo e seguindo seus conselhos se pode alcançar a vitória. Não é acidental que se venha fazendo na América Latina a difusão, cada vez maior, de uma pretensa teoria baseada nas particularidades da Revolução Cubana. Esta doutrina, segundo seus autores, seria uma espécie de marxismo-leninismo para esta parte do Hemisfério. Seus seguidores chamam-na de fidelismo. Mas ela está muito longe, em questões essenciais, de corresponder à verdade científica da grande doutrina do proletariado. Toda tentativa de aplicar, dogmáticamente, em outros países, o que há de específico naquela revolução só poderá redundar em fracasso. Ainda que o exemplo de Cuba, em especial no que se refere ao princípio geral da luta armada, continue a inspirar os que lutam pela liberdade e contra o imperialismo norte-americano, o fidelismo não vem dando frutos neste Continente, não foi comprovado em nenhum outro país da América Latina.

O marxismo-leninismo é universal. Não existe marxismo-leninismo latino-americano como não há marxismo-leninismo russo ou chinês. O importante

(Continuação)

é saber ligá-lo à prática da revolução em cada país, levando sempre em conta as peculiaridades nacionais. A revolução em países como o Brasil e Guatemala, Argentina e Panamá, Chile e São Domingos, com características tão diferentes, apresentará particularidades inerentes a cada um deles, distintas das da Revolução Cubana, embora todos tenham que trilhar pela senda da violência revolucionária. Querer, portanto, aplicar, mecânicamente, em outros países do Continente o esquema da revolução que você dirigiu nas Caraíbas é o mesmo que tentar impor-lhes uma camisa-de-fôrça.

Seus ataques às vanguardas da Bélgica e do Ceilão refletem, por outro lado, profunda incompreensão sobre o papel dirigente do proletariado na revolução e sobre a necessidade da existência de autênticos partidos comunistas. Esta incompreensão você também tem revelado em relação à América Latina. Partindo do que ocorreu em Cuba, você considera, na prática, que a direção da luta de emancipação nacional cabe a setores da burguesia ou da pequena burguesia e que os partidos proletários, quando muito, devem ter função auxiliar. Por isso, suas atenções neste Continente sempre se voltaram para aqueles setores. Mas a experiência evidencia que, na época em que vivemos, de aguçamento sem precedente dos conflitos nacionais e sociais, quando o imperialismo lanque se extrema em selvageria contra os povos, somente o proletariado e o seu partido podem dirigir conseqüentemente a revolução.

As organizações que você intitulou de "grupinho", a partir de 1962, também surgiram na América Latina. No Brasil, Colômbia, Peru, Equador, Chile, Bolívia e São Domingos. E continuam a aparecer nos demais países do Hemisfério. São as novas forças revolucionárias que emergiram do embate com o revisionismo. Embora sejam ainda pequenas, elas crescem e aumentam sua influência entre as massas. Constituem os verdadeiros partidos da classe operária, que se orientam pelo marxismo-leninismo. O futuro lhes pertence. Enquanto isto, muitos dos movimentos em que você depositou tantas esperanças, e que tiveram seu total apoio, desapareceram como bolhas de sabão. Será que tais fatos não lhe ajudam a tirar as devidas lições?

#### INADMISSÍVEIS ATAQUES À CHINA

Por fim, camarada Fidel, você chegou ao cúmulo da ignomínia ao atacar um país socialista que é, hoje, o principal baluarte da luta contra o imperialismo norte-americano. Em seu discurso de janeiro, às vésperas da instalação da Conferência Tricontinental, você, de surpresa, teatralmente, em comício de massas, inculpou a China de criar sérias dificuldades à alimentação do povo cubano e de fazer pressão econômica com objetivos políticos. Os motivos por você alegados são insubsistentes e descabidos.

Sua acusação baseou-se no fato de que, em 1966, o volume de arroz a ser entregue pela China a Cuba será inferior ao de 1965. Neste problema, parece-nos inteiramente despropositada a sua conduta. Se uma simples diferença de opinião sobre o volume das trocas comerciais determinasse um comportamento idêntico ao que você assumiu, as relações entre os países socialistas não teriam nenhuma solidez e seriam menos estáveis que as existentes entre os países capitalistas. Que o impele a atacar de maneira tão insólita a China somente porque ela não pôde satisfazer inteiramente todas as demandas do Governo cubano?

Na entrevista de um porta-voz autorizado do Ministério do Comércio Exterior da China, publicada na revista Pequim Informa, são explicadas, a nosso ver, com a máxima clareza e serenidade, as razões do Governo chinês. Esclarese o entrevistado não existir compromisso para a entrega da quantidade de

(Continuação)

arroz por você reclamada e que o montante desse cereal a ser fornecida a Cuba, em 1966, será superior ao dos anos de 1962 e 1963 e, aproximadamente, igual ao de 1964. Sua afirmação de que as transações comerciais entre Cuba e a China cairão a "um nível abaixo de qualquer dos anos de intercâmbio de 1961 a 1965", carece de fundamento. Não lhe é lícito atribuir a outros a culpa pelas dificuldades internas de seu país. O imenso alarido que você fez sobre este problema é totalmente desarrazado.

A "questão do arroz", no entanto, não é senão simples pretêxto. Isto ficou claro em sua alocução de 13 de março. Você a utilizou, através da distorção dos fatos, para tentar confundir o povo revolucionário de Cuba e justificar o papel que você vem desempenhando de participante do conluio revisionista contra a China.

Durante certo período, você cuidou de omitir-se face à grande divergência que separa, em todo o mundo, os marxistas-leninistas dos revisionistas. Agora, tornou-se visível de que lado você se coloca. Sem nenhuma base você increpou o PC da China de ter dividido o campo socialista e o movimento comunista mundial, de fomentar o culto à personalidade, de realizar bloqueio econômico contra Cuba, de servir com sua política ao imperialismo norte-americano, de interferir nos problemas internos cubanos, de querer impor sua ideologia a outros partidos. Você não teve pejo em apresentar, grosseira e cavilosamente, a China como inimiga do povo de Cuba e país que se ombréia, em banditismo e pirataria, com a América do Norte. Semelhantes ataques constituem injúria inominável e golpe traiçoeiro no movimento comunista e na causa da emancipação nacional dos povos oprimidos. Tudo que você afirmou em relação à China, em sua fala na Universidade de Havana, é uma repetição enfadonha e lamentável de que já disseram os mais categorizados expoentes do revisionismo contemporâneo, desde Tito até Kruchov. São infâmias e deturpações que colidem com os fatos e já foram inteiramente refutadas pelos dirigentes chineses e demais marxistas-leninistas de diferentes países.

É preciso estar completamente desinformado ou despir-se da condição de revolucionário para aceitar a tese de que o PC da China é o responsável pela divisão do movimento comunista. Não é necessário desenvolver grande esforço mental para compreender que a traição ao marxismo-leninismo e à revolução por parte dos dirigentes do PCUS é que provocou a cisão nas fileiras comunistas. O PC da China e seu eminente líder Mao Tse-tung sempre pugnaram, e continuam pugnando, pela unidade dos autênticos revolucionários. Ao defender a doutrina de Marx, Engels e Lênin e ao manter bem alto a bandeira revolucionária, vêm prestando um inestimável serviço à causa dos trabalhadores e da Humanidade progressista. Não fôra a corajosa atitude que tomaram, juntamente com os marxistas-leninistas de outras partes do mundo, bem difícil seria a situação do movimento revolucionário. Prevaleceriam as idéias revisionistas e a capitulação indecorosa ao imperialismo norte-americano. Mais dura e mais longa seria a caminhada dos povos em busca de sua libertação.

Com suas agressões verbais à China, você, para nosso pesar, juntou-se de fato ao raivoso vozerio antichinês dos reacionários e oportunistas de todos os países. É sabido que, na presente situação, a política e a estratégia militar dos governantes estadunidenses dirigem-se em primeiro lugar contra a China, têm como objetivo principal isolá-la e agredi-la. A Administração Johnson tudo subordina a este objetivo. Toleram mesmo os que se proclamam revolucionários, desde que se manifestem contra aquela nação socialista da Ásia. Os monopolistas ianques consideram a China, com seus 650 milhões de habitantes e dirigida por um grande partido marxista-leninista, o mais sério obstáculo a trans-

(Continuação)

por na consecução de seus insensatos planos de domínio do mundo. Tramam, por esta razão, a guerra contra aquêle país. Mobilizam neste sentido os militaristas japoneses, os reacionários hindus, a camarilha de Chiang Kai-chek e outros títeres do continente asiático. Cântam nesta empreitada, com a convidência da direção revisionista do PCUS.

O tratado recentemente subscrito, sob o patrocínio dos Estados Unidos, entre o Governo japonês e o regime fantocho da Coréia do Sul é uma aliança militar que tem em vista o cerco da China e prevê a utilização de soldados nipônicos e coreanos na agressão planejada pelo Pentágono. Os belicistas de Washington fornecem pródigoamente armas e munições, técnicos e conselheiros militares à Índia, a fim de estimular os reacionários hindus na execução de seus projetos anexionistas contra o povo chinês. A extensão da guerra do Vietname, arquitetada pela Casa Branca, visa primordialmente a China. Bombardeiros norte-americanos já deixam cair bombas bem próximo das fronteiras com este país. Barcos de nacionalidade chinesa são metralhados ou afundados pelas forças militares estadunidenses. Aviões ianques violam repetidamente o espaço aéreo da China Popular.

Os Estados Unidos se concentram, assim, na execução de um vasto plano agressivo, tanto político como militar, orientado no sentido de estender a guerra na Ásia. Em tais circunstâncias, a quem servem os ataques desferidos por você contra os dirigentes chineses?

#### PEDRA-DE-TOQUE DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

A concentração de esforços que o Governo de Johnson realiza, com vistas a agredir a China, resulta do fato de que esta nação se transformou na maior e mais poderosa base de apoio do movimento revolucionário mundial. Todos os que pugnam pela emancipação nacional, a democracia e o socialismo têm no povo chinês um verdadeiro amigo e fiel aliado. Nenhum país tem ajudado tanto o Vietname na sua luta justa e patriótica como a República Popular da China.

Investir contra a China é a palavra-de-ordem central do imperialismo norte-americano. Não por acaso as camarilhas reacionárias da Ásia, África e América Latina, insufladas pelos monopolistas ianques, quando vitoriosos em seus golpes militares, antes de tudo, rompem relações diplomáticas com Pequim, proíbem as atividades jornalísticas de suas agências de notícias e perseguem cidadãos chineses. Mas se a China atrai o ódio dos miliardários estadunidenses e de seus lacaios, por sua vez vê aumentar seu prestígio entre as massas populares daqueles três continentes.

O país mais populoso da Terra encontra-se, presentemente, em situação semelhante à da União Soviética, quando era o principal sustentáculo do movimento revolucionário. Então, os monopolistas e os reacionários centralizavam suas ações agressivas e suas atividades de sapa contra o primeiro Estado Socialista do mundo. Naquela época, denegrir a URSS correspondia a ajudar, de forma objetiva, os imperialistas. Todos os que assim procederam tiveram um triste destino, repudiados que foram pelas massas. Daí porque, no momento, a posição face à China, em nosso entender, define os campos de luta: a favor ou contra o imperialismo norte-americano. Esta questão, na fase atual, é a pedra-de-toque do internacionalismo proletário, serve para demarcar as posições revolucionárias.

Os imperialistas ianques, procurando impor sua hegemonia em todo o mundo, tornaram-se os piores inimigos dos povos, inclusive das amplas massas populares dos Estados Unidos. Levam a morte e a destruição mais bárbara ao Vietname. Fomentam em toda parte a liquidação das liberdades democráticas e a implan-

(Continuação)

tação do mais negro terror. Ameaçam a Humanidade com a guerra nuclear. Nos cinco continentes encontram-se bases e soldados da América do Norte, armados até os dentes, para agredir os povos e submetê-los ao contróle norte-americano. Nestas condições, trava-se uma luta de vida ou de morte, no âmbito mundial, entre o imperialismo estadunidense e os povos que se erguem para assegurar as liberdades, defender ou conquistar a independência nacional.

A frente desta gigantesca luta contra o inimigo comum está a República Popular da China. A União Soviética, dominada pelos revisionistas, renunciou o papel dirigente das forças antiimperialistas e democráticas. Coloca, hoje, seus interesses acima da causa da emancipação dos povos. A nação que reúne, na atualidade, as condições para se colocar à vanguarda da luta dos povos contra os monopolistas ianques é a China. Não teme os imperialistas norte-americanos, responde à altura às ameaças e aos atos agressivos dos militaristas do Pentágono e declara solenemente sua disposição de apoiar e ajudar todos os povos que se atrevem a enfrentar os bandidos de Washington. A ela incumbe essa missão histórica de vanguarda, tal como, no passado, coube à URSS liderar a luta mundial contra o fascismo.

Se você, camarada Fidel, pretende perseverar na luta contra os espoliadores ianques, não se pode colocar irracionalmente em oposição à China. Não pode, de nenhum modo, fazer gratuitos e violentos ataques àquela nação, ao seu provado Partido e ao camarada Mao Tse-tung, o maior marxista-leninista de nossos dias, valeroso revolucionário, admirado e acatado em todo o mundo. Insistindo em sua atitude antichinesa, você, queira ou não, enfileira-se nas hostes da contra-revolução mundial, ao lado dos monopolistas estadunidenses e dos traidores do marxismo-leninismo.

#### CONJURA REVISIONISTA

Todos estes fatos, camarada Fidel, patenteiam sua passagem do campo revolucionário para o do revisionismo contemporâneo. Você, de fato, adotou a política capitulacionista e de traição dos dirigentes do PCUS, com os quais se mostra cada vez mais afinado. Embora você procure aparentar independência, fica evidente para os trabalhadores e os revolucionários da América Latina que você atua como peça do mecanismo montado por Kruchov e aperfeiçoado pelos seus sucessores.

Nos dias atuais, o revisionismo representa uma conjura, em escala internacional, contra o socialismo e a luta dos povos oprimidos por sua independência. Os revisionistas chegaram ao auge da degradação ao estabelecer, subrepticiamente, a cooperação soviético-norte-americana, visando à divisão do mundo em esferas de influência dos Estados Unidos e da URSS. A União Soviética, devido à traição de seus dirigentes, deixou de ser a poderosa força de combate ao imperialismo ianque. Os representantes do Governo de Moscou, em toda a parte, na ONU ou em outras entidades internacionais, nas conferências de alto nível ou nos entendimentos com governos de outros países, buscam sempre, para os problemas colocados na ordem-do-dia, soluções que prejudicam os povos e favorecem os comparças norte-americanos. Você, por atos e palavras, filia-se à corrente revisionista e junta-se, deste modo, à escória do movimento revolucionário.

Sómente isto pode explicar seus rancorosos ataques à China Popular e sua oposição cega aos marxistas-leninistas. Se você pensa que as massas sofredoras da América Latina o acompanharão em sua atitude antichinesa, está redondamente enganado. Elas aspiram à libertação e consideram o imperialismo ianque

(Continuação)

o seu maior inimigo. Sabem discernir quem luta efetivamente contra os monopolistas estadunidenses e quem finge combatê-los para melhor com eles colaborar. Vêm no povo revolucionário da China um lutador irreconciliável contra os opressores norte-americanos e, portanto, seu melhor aliado. Esta é a razão porque aumenta a influência e o prestígio da grande nação asiática entre as massas trabalhadoras e a inteligência latino-americana.

Ao emitir estas opiniões, temos consciência de nossas limitações e do pouco que ainda fizemos em prol da revolução em nosso país e na América Latina. Apesar disto, acreditamos ser indeclinável dever internacionalista expor francamente, nesta Carta, o que pensamos. Preocupa-nos o destino da Revolução Cubana, hoje patrimônio de todos os povos deste Continente. Por melhores que sejam suas intenções, os dirigentes cubanos, trilhando pelo caminho do revisionismo, fracassarão rotundamente e causarão imensos danos à obra revolucionária tão auspiciosamente iniciada em seu país. Você afirmou, muitas vezes, que os que se opõem à marcha do progresso da Humanidade acabarão, mais cedo ou mais tarde, varridos como lixo da História. É uma grande verdade que diz respeito não apenas aos reacionários, mas também aos homens avançados que se desviam do rumo, se atrasam e terminam por contrariar os interesses dos povos. Seus últimos discursos são escolhos atirados no caminho revolucionário. São ações impensadas de quem perdeu a perspectiva política e não confia na força das massas.

#### APELO FRATERNAL

Permita-nos, camarada Fidel, dirigir-lhe um apelo fraternal no sentido de que retorne às posições revolucionárias que tanto o engrandeceram, ao caminho luminoso apontado na história Declaração de Havana. Em que pesem as suas posições equivocadas, não o confundimos com os Tito e os Dange, com os Brezhnev e os Kossiguin, que capitularam ingloriamente diante do imperialismo norte-americano.

Ainda acreditamos que você deseja a revolução na América Latina. Soldados ianques, em Guantánamo, ocupam território de Cuba e lembram ao povo cubano, a cada instante, que é preciso lutar firmemente contra o seu principal inimigo. Os imperialistas dos Estados Unidos são os gendarmes da reação mundial, oprimem e espoliam nações em todos os continentes. Os povos do mundo têm necessidade de se unir para enfrentá-los e derrotá-los. Os revisionistas não se atrevem a lutar contra eles. Ao contrário, cooperam com os governantes ianques.

É necessário, assim, estabelecer a linha divisória entre os aliados e os inimigos, entre os verdadeiros e os falsos amigos. Esperamos que você se afaste do tortuoso e traiçoeiro caminho do revisionismo. Se você, no entanto, levado pela paixão, persistir nas atitudes que vem assumindo, poderá dificultar a luta comum dos povos latino-americanos, mas não detorá jamais o curso irreprimível da revolução neste Continente.

Queira receber, camarada Fidel, as nossas saudações revolucionárias.

Rio de Janeiro, março de 1966

O Comitê Central do

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL